

MORADAS DA SUBJETIVIDADE: CORPO, CASA E CIDADE NA POESIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Thaís Rocha Tavares*

Resumo

No presente artigo, visamos a analisar os poemas de Drummond em que o eu-lírico se defronta consigo e com o outro. No contexto de alteridade, a cidade similarmente atua como um referencial de construção do indivíduo (sendo, também, constituída em um vínculo de espelhamento mútuo), imerso no processo de modernização e no emaranhado das relações sociais. Serão abordados os poemas: “Reportagem matinal” (Versiprosa), “As contradições do corpo” (Corpo), “A um hotel em demolição” (A vida passada a limpo), “Confidência do itabirano” (Sentimento do mundo), “Explicação” (Alguma poesia), “Ar” (A vida passada a limpo), “Prece de um mineiro no Rio” (A vida passada a limpo), “Coração numeroso” (Alguma poesia) e “Caeté” (Alguma poesia). Dessa forma, buscamos investigar, na poesia de Drummond, esse eu-lírico transitório que se refaz e ressignifica, caracterizado pelo constante estado de “estar” do “ser” no mundo.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Carlos Drummond. Subjetividade. Cidade.

SUBJECTIVITY'S DWELLINGS: BODY, HOUSE AND CITY IN THE POETRY OF CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Abstract

In this article, we aim to analyze some poems by Drummond wherein the poetic persona faces himself and the other. In this context of alterity, the city also becomes a reference of the individual construction (at the same time that it is built by him), immersed in the modernization process and in the entanglement of social relationships. These poems will be studied: “Reportagem matinal” (Versiprosa), “As contradições do corpo” (Corpo), “A um hotel em demolição” (A vida passada a limpo), “Confidência do itabirano” (Sentimento do mundo), “Explicação” (Alguma poesia), “Ar” (A vida passada a limpo), “Prece de um mineiro no Rio” (A vida passada a limpo), “Coração numeroso” (Alguma poesia) e “Caeté” (Alguma poesia). Thus, we seek to investigate this poetic persona, who moves, is transitory, rebuilds and (re) signifies himself by the inherent and constant state of “being” in the world.

Keywords: Brazilian Literature. Carlos Drummond. Subjectivity. City

Recebido em: 10/03/2019

Aceito em: 07/04/2019

* Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), onde foi bolsista pela CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6010-3293>

“Todo ser humano é um estranho
ímpar.”

(ANDRADE, 2002, p. 1207).

A obra de Carlos Drummond de Andrade é permeada por constantes respostas íntimas à sua tumultuada relação com o mundo. Dentre outros temas, a família, o amor, o social com enfoques político-econômicos, a modernidade e o cotidiano nas cidades são questões do poeta como ser e seu respectivo estar no mundo.

O processo de constituição do sujeito realiza-se por meio da noção de alteridade, que é perpassada pelas estruturas do consciente e inconsciente. O discernimento do sujeito com a “imagem do outro” ocorre no estágio do espelho, segundo a teoria de Jacques Lacan (apud QUINET, 2012, p. 10). É o que permite constituir o eu a partir do outro. De acordo com Antônio Quinet (2012, p. 22), o “eu” toma o outro como “referência na construção da subjetividade. A identidade – que é imaginária – do eu vem do outro; mas o sujeito é sem identidade”. Trata-se de um sujeito fugidio, inapreensível, que emerge do inconsciente. Em “Reportagem matinal”, o poeta se apresenta como exterior ao eu-lírico como uma espécie de duplo.

Subo a Santa Teresa
para ouvir o sino
que na praia não se faz escutar.
(O rumor das ondas o abafa
ou só se escuta no seio do mar?)

Vai comigo o Poeta
relatando a paisagem
de muros intatos.

[...]

(ANDRADE, 2002, p. 582).

Existe um claro reconhecimento, uma familiaridade do eu-lírico, que distingue esse Poeta dos demais. Ao mesmo tempo, ao situar o poeta como uma figura externa, subentende-se que ele é algo que escapa ao eu-lírico. O poeta é o Outro, aquele que emerge do inconsciente, que o eu-lírico reconhece como exterior a ele, mas que integra a sua constituição de ser. Esse Poeta conhecido encontra-se no desconhecido do sujeito-lírico. Assim, a relação estabelecida com o Poeta representa algo que é íntimo, porém inapreensível pelo eu-lírico.

Em “As contradições do corpo”, é expresso de forma mais contundente o estranhamento, o desconhecimento de si mesmo:

Meu corpo não é meu corpo
é ilusão de outro ser
[...]
Meu corpo ordena que eu saia
em busca do que não quero
e me nega, ao se afirmar

como senhor do meu Eu
convertido em cão servil.
(ANDRADE, 2002, p. 1231-1232).

O eu-lírico, à margem de si, reflete conscientemente sobre os múltiplos que o habitam e que a racionalidade é apenas uma parte da totalidade que o constitui como ser. O poema expressa a tensão, o embate dessa racionalidade com as pulsões que emergem do inconsciente, deslocando a razão do centro determinante do comportamento humano, ao questionar o *status* autônomo e lógico, como constituição predominante no corpo. Além do aspecto racional, o corpo, em sua integralidade, hospeda diversos elementos que compõem a psique humana. Ele é movido por ações conscientes e impulsos inconscientes. Reconhecer, a partir de Freud, que o “eu não é o senhor em sua própria casa” (FREUD apud QUINET, 2012, p. 8), ou seja, somente uma parte integrante da atividade psíquica do homem, significa admitir o inconsciente como um traço influenciador nas ações, desejos e pensamentos. Ainda nesse sentido, segundo Luiz Alfredo Garcia-Roza (2009, p. 174), o “inconsciente é uma forma, e não um lugar ou uma coisa [...] é uma lei de articulação, e não a coisa ou o lugar onde essa articulação se dá”. Ele não se antepõe necessariamente ao consciente, mas caracteriza-se por ser “um sistema psíquico distinto dos demais e dotado de atividade própria.” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 170).

A forma como o poeta se relaciona com a própria figura perpassa a relação com o ambiente, com a morada e com a sensação de despertencimento de si mesmo. A relação da casa como morada do corpo e do corpo como morada psíquica se expressa no poema “A um hotel em demolição”:

Estou comprometido para sempre
eu que moro e desmoro há anos
o Grande Hotel do Mundo sem gerência

em que nada existe indo de concreto
- avenida, avenida – tenazmente
de mim mesmo sou hóspede secreto.
(ANDRADE, 1978, p. 222).

Os excertos dos poemas “A um hotel em demolição” e “As contradições do corpo”, aqui citados, parecem dizer mais do aspecto psíquico do corpo, o desenraizamento de si mesmo, da consciência que admite a parte desconhecida, os fragmentos que lhe fogem. Para Fábio Gonçalves e Lúcia Leitão (2015, p. 17), no âmbito físico e psíquico, o corpo atua enquanto elemento mediador, produtor de paisagens e corporeidade. Nesse sentido, Tania Rivera (2013, p. 322) reflete que o corpo não deve ser considerado como entidade hermética, mas como elemento relacional, imerso em uma torrente de múltiplos processos no tempo e no espaço. Ao viver em sociedade, o indivíduo está “imerso nas estruturas psíquicas sociais, econômicas” e culturais (WILLEMART, 1999, p. 161). Nesse contexto, a cidade pode ser entendida como um sistema orgânico, em que a paisagem atua como “elemento de objetivação e subjetivação de uma sociedade ou de grupos sociais, porque” é “construída pelo conjunto de esforços individuais e coletivos que se espelham mutuamente” (GONÇALVES; LEITÃO, 2015, p. 19).

O cidadão estabelece vínculos afetivos e sensoriais com a cidade e com os outros, inscrevendo as experiências na memória, nas camadas da psique. Em “Confidência do itabirano”, Itabira se apresenta como elemento determinante na formação da personalidade do poeta, delineando um jeito de ser.

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.
A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.
E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.
De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil,
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...
Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!

(ANDRADE, 1978, p. 36-37).

Num tom intimista, confessional, o eu-lírico confia esse relato, expondo sua relação com Itabira, elencando os aspectos materiais, imateriais e sensíveis. O passado, em sua cidade natal, é representado iconograficamente pela fotografia na parede, compondo o ambiente que integra a nova etapa pessoal e profissional como funcionário público. A foto recorta espaço-temporalmente uma vivência efêmera do sujeito no mundo. Ela demarca, no poema, o distanciamento, uma espécie de ruptura de uma relação física, espacial, mas preserva uma profunda ligação sentimental e de memória. Toda uma vivência em Itabira se reduz a uma foto, um detalhe na parede, um fragmento do passado. Para o poeta, é doloroso constatar, pela memória, tudo aquilo que inexoravelmente a vida deixa para trás. A cidade itabirana, como era antigamente, só existe no imaginário e lembrar esse passado é uma forma de revisitar quem o eu-lírico foi naquele tempo.

Assim como no poema “Confidência do itabirano” e em “Explicação”, os fragmentos de vivência integrados à memória do eu-lírico emergem, ao lidar com um novo cenário:

E a gente viajando na pátria sente saudades da pátria.
Aquela casa de nove andares comerciais
é muito interessante.
A casa colonial da fazenda também era...
no elevador penso na roça,

na roça penso no elevador.
Quem me fez assim foi minha gente e minha terra
(ANDRADE, 2002, p. 37).

O poeta apresenta a “casa de nove andares” significando uma construção predial, mobilizando um conhecimento apreendido anteriormente na experiência interiorana na “casa colonial”, como elemento de formação e de familiaridade. Ele transforma a bagagem de vida poeticamente, fazendo uma comparação, num movimento de aproximação e contraste entre os dois cenários estabelecidos: o urbano e o provinciano. A associação de ideias acaba por mostrar que ambos os contextos, trazidos à tona, são significativos para o eu-lírico. Capturada pelo olhar, a casa de nove andares desperta a memória latente, convergindo para uma resposta íntima que se liga à noção de falta por dois contextos e um desejo inconciliável. A tensão espacial é delineada pela oposição de “casa de nove andares comerciais” e “casa colonial da fazenda”, contextos díspares de metrópole e interior, que envolvem duas paisagens e ritmos de vida diferentes. Embora seja criado o contraste com a vida no campo e na urbe, ao manter a palavra “casa”, referindo-se a ambas (à “casa colonial” e à “casa de nove andares”), mostra um indivíduo na busca por familiaridade, dividido entre duas formas contrastantes de se empregar o tempo de vida. O lugar representa esse constante desencontro do sujeito com a plenitude, pois a falta lhe é intrínseca, fundante. A satisfação do desejo está onde ele não está no momento. Portanto, o poema trata da impossibilidade de conciliação da vida na urbe e na província, perpetuando o desejo e a incompletude.

O sentimento da vivência em Itabira reverbera em Drummond, fazendo-o remeter-se constantemente ao passado em suas obras. Por meio de uma poesia reflexiva, ele expõe claramente presente-passado no poema “Ar”.

A narina presente
colhe o aroma passado.
Continuamente vibra
o tempo, embalsamado.
(ANDRADE, 2002, p. 421).

Em “Prece de um mineiro no Rio”, ressurge o conflito do entre-lugar que reflete no físico e no emocional, quando o poeta de Minas Gerais vai para o Rio de Janeiro. Um indivíduo, entre Minas e Rio, montanha e mar, buscando um elemento de familiarização, para se apropriar do novo contexto. O poeta, que se identifica como mineiro e que se situa no Rio. Torna-se nítido, portanto, a questão de deslocamento geográfico, de identidade e de ritmo de vida experienciada pelo poeta.

Espírito de Minas, me visita,
e sobre a confusão desta cidade
onde voz e buzina se confundem,
lança teu claro raio ordenador.
Conserva em mim ao menos a metade
do que fui na nascença e a vida esgarça:

não quero ser um móvel num imóvel,
 quero firme e discreto o meu amor,
 meu gesto seja sempre natural,
 mesmo brusco ou pesado, e só me punja
 a saudade da pátria imaginária.
 Essa mesma, não muito. Balançando
 entre o real e o irreal, quero viver
 como é de tua essência e nos segredas,
 capaz de dedicar-me em corpo e alma,
 sem apego servil ainda o mais brande.
 (ANDRADE, 1978, p. 46).

O poeta se apropria esteticamente da estrutura de uma oração, transformando-a, no poema, em versos breves. Ele principia, evocando o “espírito de Minas”, que representa o seu referencial, a sensação de pertencimento e a vivência imaterial, sensível, que marcam o jeito de ser. O deslocamento é evidenciado por esse alguém que se identifica como mineiro (se sente representado pelo vínculo com Minas) e se localiza no Rio de Janeiro. O poeta menciona a “Pátria imaginária”, remetendo a seu passado familiar em Itabira, retratado também no poema “No país dos Andrades”. O minério, a montanha, o fixo e imutável contrastam com o Rio, o mar e a fluidez. O indivíduo, conscientemente, pensa sobre a sua identidade, de não querer perder os vínculos. O desejo de não ser um móvel num imóvel é não querer se despersonalizar, não se automatizar, não se esvaziar daquilo que o identifica, não perder a mineiridade. Para Davi Arrigucci (2010, p. 18), a poesia de Drummond “trata do fato envolvido pela reflexão; há sempre mediação do pensamento, e o fato surge interiorizado: é a repercussão do mundo na interioridade do Eu”. Adiante em “Prece de um mineiro no Rio”, criam-se duas imagens a partir de “Serrania”, que pode significar uma concentração de serras e montanhas bem como representar a ideia de ondas salientes no mar (HOUAISS, 2001, p. 2557).

Por vezes, emudeces. Não te sinto
 a soprar da azulada serrania
 onde galopam sombras e memórias
 de gente que, de humilde, era orgulhosa
 e fazia da crosta mineral
 um solo humano em seu despojamento.
 (ANDRADE, 1978, p. 46).

As montanhas se amalgamam, desaguando uma na outra no azul do horizonte. O orgulho e a humildade remetem-se a Itabira e dialogam com os versos “este orgulho esta cabeça baixa” expressos no poema “Confidência do itabirano”, evidenciando a forte influência que essa cidade exerceu na formação pessoal e na poética drummondiana. Na parte final de “Prece de um mineiro no Rio”, persistem as tensões entre a fluidez, a oscilação do mar do Rio com o imutável, silencioso e retraído mar de Minas, no qual o poeta se reconhece:

não me fujas no Rio de Janeiro,
como a nuvem se afasta e a ave se alonga,
mas abre um portulano ante meus olhos
que a teu profundo mar conduza, Minas,
Minas além do som, Minas Gerais.

Amém.

(ANDRADE, 1978, p. 47).

O vocábulo “portulano” corresponde à “carta marítima” utilizada “pelos navegadores do mar Mediterrâneo na Antiguidade” (HOUAISS, 2001, p. 2268). Outras acepções, ainda nessa linha, apontam para “manual de navegação medieval, com descrição das costas e dos portos, ilustrado com mapas” (HOUAISS, 2001, p. 2268). A expressão, portanto, alude a um objeto ligado ao passado histórico e, da mesma forma, o poeta remete-se à sua história pessoal pregressa para encontrar o mar de Minas, as montanhas, com seu contorno ondulatório, que referenciam as ondas do mar do Rio de Janeiro.

A princípio, em “Coração numeroso”, os ritmos entre o eu-lírico e a cidade estão descompassados. O coração pulsa dissonante do contexto. Inicialmente, ele não consegue se afinar com as formas de viver na metrópole, causando um deslocamento, um olhar estrangeiro diante do novo:

Foi no Rio.
Eu passava na Avenida quase meia-noite.
Bicos de seio batiam nos bicos de luz estrelas inumeráveis.
Havia a promessa do mar
e bondes tilintavam,
abafando o calor
que soprava no vento
e o vento vinha de Minas.

(ANDRADE, 1978, p. 104).

Os aspectos objetivos do novo ambiente urbano afetam o eu-lírico em seu íntimo, demandando uma reestruturação interior e ressignificação das relações, pois o indivíduo necessita se conectar com a metrópole e os seus signos, ou seja, “encontrar na cidade uma finitude” que o acolha (GONÇALVES; LEITÃO, 2015, p. 18). De acordo com Fábio Gonçalves e Lúcia Leitão (2015, p. 23), a cidade “só se concretiza a partir de uma relação de corporeidade dos sujeitos com o espaço urbano”. Nesse contexto de deslocamento e ânsia do eu-poético por encontrar o seu lugar no mundo, o vento se faz um etéreo mensageiro que traz a saudade de Minas. A experiência com ele se dá ao mesmo tempo na dimensão física e metafísica do ser, suscitando impressões, como lembranças que se alinham ao estado de ânimo do eu-lírico. No poema, parece haver um descentramento do sujeito-lírico, tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo, o que revela uma tendência da modernidade, cujas identidades estão sendo “deslocadas ou fragmentadas” (HALL, 2006, p. 8). O eu-lírico, que se estabeleceu no Rio de Janeiro, não conhece nenhuma pessoa, o que potencializa a sensação

de não acolhimento frente ao novo contexto. O doce vento mineiro alude à “doce herança itabirana” do poema “Confidência do itabirano”, referenciando as experiências boas e vínculos do passado que, em “Coração numeroso”, contrastam com o instante presente desgostoso de viver:

Meus paráliticos sonhos desgosto de viver
 (a vida para mim é vontade de morrer)
 faziam de mim homem-realejo impertubavelmente
 na Galeria Cruzeiro quente quente
 e como não conhecia ninguém a não ser o doce vento mineiro,
 nenhuma vontade de beber, eu disse: Acabemos com isso.
 (ANDRADE, 1978, p. 104).

Como ocorre em “Explicação” e em “Coração numeroso”, surge novamente a mobilização do familiar interiorano “casas”, perante a verticalização da metrópole “compridas”:

Mas tremia na cidade uma fascinação casas compridas
 autos abertos correndo caminho do mar
 voluptuosidade errante do calor
 mil presentes da vida aos homens indiferentes,
 que meu coração bateu forte, meus olhos inúteis choraram.
 (ANDRADE, 1978, p. 104).

Diante do novo, a reestruturação parte da incorporação, da tentativa de tornar familiar, marcando o início do processo de assimilação. Para constituir-se, “o sujeito apropria-se, inconscientemente [...] de traços, de características psíquicas, de marcas de um outro, tornando-as suas” (LEITÃO apud GONÇALVES, LEITÃO; 2015, p. 19). A figura das “casas compridas”, sinalizando a ideia de “prédio”, aparece semelhante a “casa de nove andares” do poema “Explicação”. A expressão “casas compridas” parece flutuar no verso, como um fluxo de raciocínio com rápida associação de ideias. As sutilezas que se invisibilizam aos homens imersos na rotina, no estado de letargia, alheios à contemplação, são percebidas pelo eu-lírico, pois os estímulos o afetam como acontecimento, a partir de sua percepção que desbanaliza o comum. No final de “Coração numeroso”, nota-se, por fim, uma reestruturação interna desse sujeito poético que assimila as novas relações estabelecidas com a cidade:

O mar batia em meu peito, já não batia no cais.
 A rua acabou, quede as árvores? a cidade sou eu
 a cidade sou eu
 sou eu a cidade
 meu amor.
 (ANDRADE, 1978, p. 105).

A cidade não é só o palco onde ocorrem os acontecimentos, mas também é parte do fenômeno em si, afetando o eu-lírico profundamente. Dessa forma, a paisagem, como parte

se “para a força do viés biográfico da poética drummondiana, cuja inspiração provém em primeiro lugar de experiências pessoais. Aí faz-se notória a rejeição do criar poético a partir do desconhecido, do que a memória não reteve”.

O poeta que mora e desmora, que se encontra no entre-lugar de si e do mundo, acaba por ser ao mesmo tempo “o maior cantor urbano da poesia brasileira” e “igualmente o seu maior memorialista rural” (CORREIA, 2002, p. 45). A família e Itabira marcam a infância, determinando o jeito de ser do poeta e dos moradores. O eu-lírico de “Confidência de um mineiro no Rio” se refere ao espírito de Minas, buscando resgatar a mineiridade, que perpassa pelo prisma humanizador da cidade. Por fim, o Rio de Janeiro desponta como uma abertura a novas possibilidades de se viver a/na metrópole. São numerosos fragmentos que vão se somando à vastidão do ser/poeta.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. 11ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa: conforme as disposições do autor**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- ARRIGUCCI JR., DAVI. **Coração partido: uma análise da poesia reflexiva de Drummond**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- ARRIGUCCI JR., DAVI. Drummond meditativo. In: ARRIGUCCI JR., Davi. **O guardador de segredos: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 15-25.
- BENTO, Conceição Aparecida. **A escrita e o sujeito: uma leitura à luz de Lacan**. Revista Psicologia USP, 2004, v. 15 n.1/2, p.195-214.
- CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/ Ouro sobre Azul, 2004, p. 67-97.
- CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 169-191.
- CORREIA, Marlene de Castro. A poética da pedra. In: CORREIA, Marlene de Castro. **Drummond, a magia lúcida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 37-52.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 24ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- GONÇALVES, Fábio Christiano Cavalcanti; LEITÃO, Lúcia. Entre eu e o outro, a paisagem. **Risco: revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo instituto de arquitetura e urbanismo iau-usp**. São Paulo n. 21. p. 17-24. 2015.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A. Editora, 2006.
- HOUAISS, Antônio; Villar, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS DE LEXICOGRAFIA. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

- MALARD, Letícia. **No vasto mundo de Drummond**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. 3ª. ed. São Paulo: Editora Senac, 2004.
- QUINET, Antônio. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- RIVERA, Tania. **O avesso do imaginário: arte contemporânea e psicanálise**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Trad. Vera Riberior, Luxu Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- WALTY, Ivete. **Drummond: um intelectual moderno**. IpotesiLi, revista de estudos literários, Juiz de Fora, v.7, n.1, p.59-69.
- WILLEMART, Philippe. **Bastidores da criação literária**. São Paulo: Iluminuras, 1999.